

DOCÊNCIA E ETNIA NO ENSINO SUPERIOR: ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Wilma Baía Coelho^{1[1]}

Universidade Federal do Pará e Universidade da Amazônia

Para os objetivos deste texto, me detive na problematização das relações raciais e na compreensão teórico-cultural que as constrói, com base nas trajetórias profissionais de professores/as negros/as que atuam na UFPA. O que suscitou a investigação foi a suspeita de que esses sujeitos produzem estruturas mentais e mecanismos de resistência para lidar com as questões raciais a partir de suas condições pessoais e sociais, em suas trajetórias de vida e profissional.

No panorama de pesquisas aglutinadas em torno da questão do preconceito racial, destacam-se aquelas que, por diferentes caminhos, elegeram a categoria raça^{2[2]} como recurso analítico de investigação. A emergência desta questão deve ser entendida e relacionada a um certo panorama de idéias e experiências motivadas pela aproximação da reflexão acadêmica com a prática política e a produção intelectual. A construção da categoria raça como recurso analítico – vale ressaltar, instaurador de vigorosas polêmicas teóricas e/ou culturais – se inscreve, portanto, no eixo das preocupações e impasses oriundos de um universo intelectual complexo e singular, permeado pelo cruzamento da cultura e seus condicionantes históricos e políticos.

A princípio, o objeto central do estudo foi sendo gestado concomitantemente à exploração teórico-empírica do terreno fértil que se constitui a trajetória de professores/as negros/as. E gradativamente aperfeiçoado e alimentado à medida que eu mergulhava nas fontes teóricas e as conectava com o material que estava sendo ‘colhido’ junto aos/as professores/as negros/as.

Metodologicamente este trabalho abre diálogo com proposições que se têm voltado para o tratamento de dimensões pouco sondadas pela pesquisa

^{1[1]} Mestra em Educação e Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

^{2[2]} Ao optar pelo termo raça, reconhecemos seus limites e seu alcance antropológico e sociológico. É rejeitada, entretanto, aqui a visão reducionista do termo, utilizada pelas teorias européias do racismo científico (finais do século XIX). Portanto, o entendimento do termo se constitui a partir das construções processadas no meio social e histórico sobre as quais se assenta a valoração das diferentes medidas dadas e construídas pelo negro nas relações estabelecidas no contexto que interage.

educacional corrente. Nóvoa (1992, p. 5) alerta-nos para estas perspectivas ao colocar que:

Depois de três décadas consagradas à análise da externalidade dos processos educativos, sublinhando a longa duração das suas mudanças e das continuidades, chegou o tempo de olhar para a internalidade do trabalho escolar, nomeadamente os momentos de conflito e ruptura. O funcionamento interno das escolas, o desenvolvimento do currículo, a construção do conhecimento escolar, a organização do cotidiano escolar, *as vidas e experiências dos alunos e dos professores*: eis algumas das problemáticas que precisam ser abordadas através de novos instrumentos.

Neste sentido, investiguei as trajetórias profissionais, utilizando depoimentos orais dos professores/as obtidos através de entrevistas semidirigidas. Isto para exercitar a reconstrução analítica de suas experiências, inspecionadas sob o ponto de vista das relações raciais, numa abordagem qualitativa com intenção de aprofundamento e não de generalização. Esses depoimentos foram vinculados a outros dados obtidos em diversos procedimentos, como questionários e dados estatísticos.

Para isto, a pesquisa foi inicialmente impulsionada por um momento exploratório que incluiu o levantamento de informações junto a uma amostra de professores pertencentes a UFPA, via aplicação de formulários para obtenção de dados sobre a formação acadêmica e principalmente a *pertença racial*, dentre outras informações.

No que tange ao corte espacial, trabalhei com professores do Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Letras e Educação, por se tratar de áreas efetivamente ligadas à formação de professores.

Este quadro mostra o número de professores/as que atuam nos Centros e Departamentos, foco do estudo exploratório.

CENTROS	DEPARTAMENTOS	Nº DE PROFESSORES
Centro de Ciências Humanas e Filosofia	Geografia	24
	História	18
	Filosofia	20
	Psicologia	21

	Psicologia Clínica	18
	Psicologia Social e Escolar	26
	Sociologia	18
	Metodologia	17
	Antropologia	21
	Ciências Políticas	17
Centro de Letras e Artes	Língua e Literatura Vernáculas	46
	Língua e Literatura Estrangeira	37
	Comunicação Social	18
	Arte	30
Centro de Educação	Fundamentos da Educação	29
	Administração	13
	Educação Física	11
	Métodos e Técnicas da	
	Orientação da Educação	50
	T O T A L	434

FONTE: Cadastro docente/DEPES/UFPA/Jan.99.

RECOLHENDO PISTAS

Ao todo, foram distribuídos **434** formulários aos/às professores/as. Desses, 189 preencheram e os devolveram; 105 estavam liberados para pós-graduação; 47 não devolveram os formulários; 28 os devolveram incompletos e 65 não foi possível contactar por motivos diversos: licença saúde, problemas particulares entre outros. Este levantamento de dados levou aproximadamente oito meses ininterruptos para a sua conclusão. Para isto, contei com o auxílio de uma bolsista na aplicação e recolhimento de uma grande parte desses formulários.

Com essas informações, intentei levantar elementos que apontassem para a elaboração de um perfil profissional de dos/as professoras/as negros/as da Universidade Federal do Pará. Em seguida, defini um roteiro de entrevista que possibilitou uma dinâmica de indagações, as quais provocaram e/ou investigaram

o/a entrevistado/a, obviamente, com a devida sutileza de estabelecer limites nesta provocação, para não constranger e não emudecer o/a depoente.

O primeiro mergulho nesta etapa foi o contato com uma das professoras selecionadas; ela sugeriu-me uma lista de professores/as negros/as que possivelmente poderiam contribuir para a pesquisa. No entanto, foram várias tentativas por telefone e/ou investidas nas portas das salas ou dos Departamentos para tentar uma conversa. A partir de uma entrevista sempre surgiam possibilidades de novas entrevistas, o que me ajudou a constituir a rede dos informantes. Dos 189 formulários preenchidos, selecionei, para entrevistar, 9 *docentes que se identificaram como negros/as e dos quais obtive depoimentos orais*. E desses selecionei 4 cujos depoimentos se apresentaram mais densos para a discussão central da pesquisa.

Na seleção dos narradores, alguns critérios foram considerados: argumentos que apresentassem maior densidade e vinculação aos objetivos desta investigação; e diferentes tempos de atuação no magistério superior, considerando que em cada conjuntura histórico-cultural e social os vínculos construídos pelos sujeitos apresentam evidência de movimentação histórica, na qual as relações sociais – e no caso, as raciais – se encontram imersas.

Dentre esses, selecionei 4 docentes cujos depoimentos me pareceram mais férteis para o objeto de análise dessa investigação, sendo que com duas destas docentes, ‘colhi’ vários depoimentos em mais de dois encontros com cada uma. Os docentes selecionados foram: uma professora aposentada (especialista); uma professora mestra; um professor mestre e um professor doutor. Os depoimentos tiveram a duração de 1 hora em média.

Dos 9 professores, apenas 3 sugeriram a própria residência para fazer a entrevista. A maioria sugeriu o local de trabalho. Neste caso, sempre deixei a critério do/a depoente o local que lhe parecesse mais conveniente, embora tenha constatado que nem sempre era o mais apropriado para a entrevista. Nos casos em que entrevistei no local de trabalho, a dificuldade se deu por inúmeros fatores: interrupções ocasionais por pessoas ou toque de telefone; portas que se abriam ou fechavam, ruídos etc. Mas, enfim, às horas marcadas estive sempre nos locais indicados pelos/as depoentes, o que nem sempre acontecia com a maioria dos docentes. Houve entrevistado que marcou comigo seis vezes e não compareceu.

Ressalto que colher depoimentos de professores/as foi antes de tudo um exercício de paciência que até eu desconhecia que tivesse. Para eu conseguir um depoimento de certo professor, levei em média três meses “cercando-o”. Quando finalmente consegui, após a transcrição, constatei que o professor falou dos outros, exceto dele. Embora tenha feito as interferências possíveis no momento da entrevista, não “cheguei” até ele. Percebi que quanto maior conhecimento sobre o assunto a ser tratado, mais estratégias o sujeito tem para esquivar-se de falar de si mesmo em momento tão singular, como neste caso. O que pode denotar a dificuldade, inclusive de ordem emocional, que se tem de tratar do preconceito racial vivido no interior da academia. Ele dizia que via e viu colegas sofrerem, mas nunca foi objeto de preconceito. Se para este professor o conhecimento e envolvimento com a temática, academicamente, lhe isentava de inferência pessoal, já para outra professora depoente, também, conhecedora da temática, esta ligação com o assunto lhe conferia, ao contrário do primeiro, mais desprendimento para mais abertamente falar acerca do assunto. Neste caso, a docente em questão aparentava nos depoimentos ter um grau de superação mais trabalhado do que o primeiro caso.

Tentei entrevistar uma professora que escreve e discute academicamente esta temática no âmbito e fora da Universidade, mas isto não foi possível devido ela não dispor de tempo o que impossibilitou a aproximação com a mesma. Em relação a todos/as os/as outros/as, eu sempre chegava através de recomendação de um/a ou outro/a professor/a, o que facilitava a receptividade do/a pretendo/a depoente. Neste momento, constatei que embora eu estivesse lidando com professores/as – no caso, a maioria pesquisador/as – poucos foram os/as que de fato se dispuseram a preencher os formulários do estudo exploratório, alguns os devolveram em branco, outros parcialmente preenchidos e alguns nem os devolveram.

Para realizar as entrevistas, cerquei-me de critérios rigorosos no sentido de compor com dados empíricos essa movimentação. Capturar esses depoimentos que emergem das mais diferentes formas e dimensões, mais que uma análise de conteúdo, exige refletir acerca das infinitas imbricações emocionais presentes nessas falas. Estas em geral são compartilhadas com uma pessoa estranha às relações do/a depoente, a qual se despe na presença do/a pesquisador/a. Este/a, embora tenha clareza do seu objeto, nem sempre consegue manter o distanciamento necessário e envolve-se nesse processo que exige o como interagir, interferir, pois a mais competente literatura sobre o assunto, não consegue abarcar a

densidade emocional, por vezes, experienciada pelo/a pesquisador/a no momento da entrevista. Este processo passa a ser compartilhado com o/a entrevistado/a, a partir de bipolarizações de sentimentos: com ou sem reservas; desconfortos/confortos; confiança/desconfiança. O momento da entrevista tem um sentido muito particular e subjetivo, embora não seja desvinculado dos cuidados operacionais que esse tipo de trabalho requer.

Aqui estive atenta a todos os cuidados pertinentes a essa construção quando da realização das entrevistas, levando em consideração todas as suas exigências no que diz respeito a seu aspecto “operacional” (escolha do gravador, das fitas, etc.); estrutura/forma semidirigida tendo clareza de seus limites e possibilidades e das questões raciais envolvidas nessa relação. No que tange à diretividade da entrevista, Bonazzi (1996, p. 237) ressalta que:

Se ela for deixada totalmente livre, há risco de se afastar do tema. O entrevistador precisa atentar uma data ou esclarecer uma passagem confusa (...) a semidirigida é com freqüência um meio termo entre um monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto.

Ademais, os cuidados não se esgotaram na entrevista, estenderam-se à transcrição, no sentido do rigor que deve ser imprimido à fidelidade à voz dos/as depoentes. Este momento constitui num dos mais importantes, pois trata-se da produção do documento escrito a partir da oralidade. Portanto, entonação, ênfase, dúvidas, risos, sarcasmos, deboches, ironias, repetições, precisam ser abstraídos através da narrativa. Para tanto, as transcrições foram feitas tão logo realizadas as gravações, com intenção de manter “fresca” a informação colhida naquele dia. E em seguida, indagações eram feitas após cada transcrição, objetivando posteriormente montar um quadro dos eixos centrais resultantes da investigação do trabalho. Para isto, vali-me da literatura já estudada acerca das questões raciais e de depoimentos orais, visto que toda transcrição, mesmo que fidedigna, é uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta precisão.

Sobre esta questão, Bonazzi (1996) posiciona-se dizendo que se constitui numa traição à palavra. Para Certeau (1992), a neutralidade da posição do/a pesquisador/a vê-se questionada na mesma medida que o conceito de documento-verdade. O/A pesquisador/a passa de mero “recolhedor” de pistas a construtor de

fatos, séries, conferindo significado ao passado, a partir de sua erudição e experiência. Assim, a transcrição, por mais próxima que seja da fala, é a passagem da oralidade para a escrita e, inevitavelmente, sofre interferência do/a pesquisador/a, pois são entonações que se diferenciam, sons pouco audíveis, pausas, risos, e silêncio como características difíceis de serem enquadradas. Transferir este ritmo assimétrico para um ritmo linear da palavra escrita, nem sempre traz suas configurações originais.

Para as transcrições, utilizei-me das recomendações de Chantal de Toutier e Bonazzi (1996), ou seja: as passagens pouco audíveis foram colocadas entre colchetes; as dúvidas, silêncios, as rupturas sintáticas, assinaladas por reticências; as pessoas citadas foram designadas pelas iniciais (neste caso, enumerei os/as depoentes); os grifos foram acionados para anunciar risos; as palavras enfatizadas com *altivez* foram negritadas; o texto foi produzido e organizado em parágrafos, atinando para a pontuação; os subtítulos utilizados quando necessários. Enfim, todo este cuidado técnico foi observado para dar um tratamento rigoroso e fiel ao documento oral produzido a partir das falas dos/as depoentes.

Outro momento foi o retorno da transcrição oral ao/a depoente para análise e possível autorização. É necessária esta prévia autorização dos entrevistados/as e o cuidado com a elaboração do documento escrito construído em bases criteriosas, para evitar desvios grosseiros e distorções, porque ainda que se discuta a neutralidade do/a pesquisador/a é impossível a isenção total de inferência. Neste momento, não entreguei documentos/ transcrições escritos a todos/as os/as entrevistados/as, ou seja aos 9, mas somente aos 4 selecionados, por terem sido mais densos em seus depoimentos no que tange ao objeto desta investigação. Esses/as depoentes avalizaram o documento, havendo duas pequenas alterações. Uma das professoras^{3[3]}, ao terminar de ler o texto, disse *em choro* que nunca tinha passado uma “vista” na vida daquele jeito; que ler tudo aquilo foi como reviver o passado e que tinha valido a pena ter cobrado tanto da memória e ter enfrentado o que enfrentou.

^{3[3]} Esta professora concedeu 2 depoimentos de 1h30m cada um, aproximadamente.

Com isto, aproximei as imbricações explícitas e implícitas de cada entrevista, estabelecendo as interligações entre o referencial teórico e as constatações ali apresentadas, veladas ou não pelo/as depoentes. Essas aberturas possibilitaram perceber as impressões mais sensíveis entre o foco da pesquisa e as indicações empíricas.

MEMÓRIAS REGISTRADAS: A Teia Narrativa

A representação do passado que habita na memória do sujeito sofre influência do grupo social e de todo o processo de vida pessoal e profissional desse sujeito. Nesse sentido, faz-se necessário um trabalho de reflexão analítica sobre o que habita na memória em sua interação com a realidade social. É o que, na verdade, irá nutrir a sua memória. Estas construções são feitas e refeitas adornadas por sentimentos diversos, portanto, são reconstruções. No entender de Bosi (1994, p. 81),

Uma lembrança é o diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da sua localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

E é da memória que se alimenta a história oral, ou seja, a trajetória de vida tenta recuperar, descrever e construir uma teia de narrações originada do imenso universo de memórias registradas, onde nos é permitido refletir acerca das imbricações emocionais construídas a partir dessas lembranças. Le Goff (1984, p. 47) ressalta bem a atenção que se deve dar ao pesquisar a memória:

Cabe, com efeito, aos profissionais da memória (...) fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade (...) A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Sabe-se, então, das influências que sofrem a memória do homem ao relacionar-se com o seu grupo familiar e social. Daí a necessidade de se debruçar sobre os reflexos que esse contexto tem sobre a memória do sujeito, mas sobretudo, sobre os reflexos da memória da vida pessoal e profissional desse sujeito.

À revelia das posições de historiadores da ala mais conservadora, é inevitável reputar à história oral uma perspectiva de abrangência do coletivo a partir do individual, ou do movimento do interno para o externo. Como nos diz Bourdieu, *apud* Lima, (1993, p. 38):

(...) a ciência social ainda não parou de tropeçar no problema do indivíduo e da sociedade (...). O corpo socializado (aquilo que chamamos de indivíduo ou pessoa) não se opõe à sociedade: ele é uma das suas formas de existência (...) é preciso lembrar que o coletivo está dentro de cada um de nós sob a forma de disposições duráveis, como as estruturas mentais (...).

Portanto, é pertinente a análise das trajetórias de professores/as negros/as através de depoimentos orais, trazendo à baila uma abordagem que remete ao coletivo a partir do indivíduo, interconectando esses eixos que, mesmo distintos, constroem-se de modo interligado.

Este tipo de trabalho que tematiza a noção de trajetória ocupa uma posição importante nas reflexões de Bourdieu (1996, p. 189), autor de quem tomo esse conceito. Assim, assumo neste estudo a noção de trajetória enquanto:

Série de posições sucessivas ocupadas por um mesmo agente (ou o mesmo grupo) no espaço que lhe é próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

Estudar trajetórias profissionais a partir de depoimentos orais trouxe à tona uma série de elementos, práticas, valores e concepções desses indivíduos.

Aspectos estes que estão além da dimensão individual, principalmente, por estarem entrecruzados na teia das relações sociais, incluindo sujeitos ativos na feitura e resignificações dessas construções (na família, no clube, na comunidade, no trabalho etc.).

Os depoimentos orais contribuíram no sentido de ampliar a visão sobre as questões raciais em enfoques individualizados, porém legitimados ou contestados pelo coletivo. Neste sentido, lidei com a noção de subjetividade, sob a perspectiva de sua produção social e multidimensional.

Investiguei trajetórias de vida profissional de professores da Universidade Federal do Pará, enquanto casos específicos, inseridos em processos gerais, e/ou enquanto elementos de uma complexa realidade empírica passível de reconstrução analítica, na qual o sujeito é a especificidade dentro da coletividade, isto é, em seu anonimato e num microcosmo, ele contém as configurações que sua coletividade abarca.

O trabalho com trajetórias profissionais me fez recorrer ao campo da história oral de vida, por oferecer elementos para a construção metodológica deste estudo: Fonseca (1997, p. 43) oferece contribuições ao percurso metodológico desta investigação, quando ressalta:

Fazer história oral de vida de professores consiste numa tentativa de produzir documentos e interpretações, nos quais os personagens – sujeitos que produziram e ensinaram – explicitam e atribuem diferentes sentidos às suas experiências, mostrando como suas produções, e suas ações profissionais estão intimamente ligadas ao modo pessoal de ser e viver.

Em consonância com as posições de Fonseca (1997), pretendi estabelecer vínculos em dimensões diversas acerca destas trajetórias de vida que extrapolam o plano individual, visto que estes sujeitos fazem parte atuante da sociedade na qual estão inseridos.

As posições ocupadas profissionalmente e, vezes, consideradas unicamente restritas a razões sociais, na verdade, se fundem com as posições decorrentes das experiências pessoais vividas pelos sujeitos, as quais, entrecruzadas com as profissionais, ilustrarão a configuração de um dado grupo profissional. Ou seja, para se compreender uma trajetória (isto é, o

social/profissional) não se pode negar a existência de territórios construídos em estágios sucessivos, nos quais se articulam as dimensões pessoal e profissional.

Grosso modo, devo ressaltar que o material colhido foi analisado no seu todo. Estabeleci vínculos iniciais com o conjunto de informações e, posteriormente, consensos e dissensos entre estas para construir um eixo de análise articulado ao escopo central da pesquisa. Ao mergulhar na literatura acerca do assunto e imbricá-la ao material empírico, constatei alguns eixos mais reveladores.

Neste sentido, estabelecer vínculos com o referencial teórico e com o material empírico vai muito além de justaposições de proposições. Aqui reuni, para análise dos depoimentos, o referencial teórico pesquisado e construí conexões e divergências entre essas indicações de modo a capturar, nas falas dos/as depoentes, elementos que as conectassem e que propiciassem o diálogo teórico. Por isto, após todas as transcrições, estruturei um quadro com todos os depoimentos e estabeleci vínculos, ou não, entre os aspectos enfatizados pelos/as depoentes, naquilo que mais se assemelhavam ou naquilo que mais os diferenciava acerca da mesma dimensão. Assim, cheguei à conclusão de eixos que apareceram com bastante evidência nos depoimentos, no declarado e no que estava nas entrelinhas, analisando-os à luz do referencial teórico pesquisado sobre a temática.

É importante lembrar que num estudo qualitativo a construção de um objeto de estudo, sua problematização e base teórico-metodológica pertinente não constituem etapas apriorísticas, visto que assumem a noção de processo no sentido de configurar, incessantemente, a movimentação do percurso empírico e teórico-metodológico. Neste sentido, as conclusões aqui apresentadas resultam da conexão desses elementos essenciais para construir um mosaico de relações étnico-raciais, formuladas a partir da trajetória profissional dos/as professores/as negros/as da Universidade Federal do Pará.

APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

O fato de todos/as os/as professores/as estudados/as pertencerem, originariamente, às camadas mais baixas da população, não deve justificar que o preconceito social (ainda que se fundamente, em certa dimensão), é mais excludente que o racial. Embora saibamos que as oportunidades não são igualmente acessíveis a todos os cidadãos, este é também um fato que toma proporções maiores, quando se trata da população não branca.

Incluimos os/as professores/as negros/as universitários, porque constatamos que as relações raciais construídas com esses/as professores/as no interior da Instituição de Ensino Superior são movidas, inclusive, – em certa medida – por mecanismos de resistência e superação dos entraves discriminatórios, que nem sempre são explícitos, mas, via de regra, velados nesse espaço profissional.

Constatamos também o reflexo das construções trazidas do imaginário coletivo para as microrelações tecidas nos diversos segmentos sociais - neste caso, a Universidade. As experiências de discriminação racial vividas pelos/as professores/as nas suas vidas “particulares” ao serem acionadas para esta pesquisa, nos proporcionaram reconhecer as interligações do social e do pessoal nas trajetórias profissionais desses/as professores/as. No todo, essas experiências vividas no contexto social mais amplo ressoam em dimensões “menores” - nem por isso menos vis – reeditando a construção histórica e fortemente edificada de que o negro é inferior e incapaz. A sociedade de modo geral, na qual inclui-se a própria Universidade, não assume essa problemática nas relações inter-raciais, pois assumir significaria dar sentido a possibilidades de (re) discutir essas questões em âmbitos mais globais, visto que os segmentos sociais, isoladamente, não abarcariam tal empreendimento.

Os depoimentos colhidos desses/as professores/as serviram para edificar mais fortemente a nossa pertença racial ao permitir que os depoentes reconstruíssem a trajetória, tomando como base a própria condição de negro/a neste contexto social.

Dentre as conclusões, observamos que as práticas profissionais comuns desses/as professores/as em sua maioria não incluem essas discussões, na sala de aula, correlacionadas às suas disciplinas, a projetos de pesquisa e ou à extensão. Embora percebamos que as escolhas dos parceiros profissionais, os planos de trabalho semestrais e as avaliações são questões totalizadas por fatores de ordem sociohistórica.

Outro fator relevante diz respeito às condições dessas práticas profissionais que se presentificam mas ao mesmo tempo se distanciam da questão racial. Aproximam-se quando se insinuam nas relações com os/as companheiros de trabalho e de alunos/as de modo geral. E se afastam quando são desconsiderados os fatores de ordem racial nas discussões acadêmicas e no trabalho pedagógico. Inclusive porque o impacto dessas relações raciais nem sempre é desprovido de

vínculos com impactos sofridos no seio da sociedade em geral. Logo são dimensões que ultrapassam o pessoal e alcançam a dimensão coletiva. Lutar coletivamente por práticas efetivamente democráticas no que diz respeito às relações raciais é algo que ainda não faz parte da cultura de trabalho e de militância dos professores/as da UFPA.

Essa constatação, ficou evidente, em certa medida, em uma das depoentes, cuja trajetória de vida está articulada a movimentos sociais e ao movimento negro. Assim, de algum modo, ainda que as práticas pedagógicas formais dessa professora não contemplem essas discussões, inevitavelmente, sua trajetória profissional – aqui não somente como professora, mas como militante também – está permeada por atuação política que interfere na posição e na condição do negro, de modo mais global.

Os depoimentos dos/as professores/as revelam também a complexidade da questão racial no âmbito da sociedade e, particularmente, na Universidade. Consequentemente, isso se evidencia nas trajetórias profissionais de professores/as negros/as, pois a construção dessas trajetórias está interligada às construções realçadas na família, na escola, no contato com o movimento negro, enfim. Em alguns casos, o aspecto político está presente e em outros se distancia, por exemplo, a posição política da professora também se refletiu nas atuações dela na Universidade, ou seja, quanto mais próximo estava dos movimentos sociais, mas atuante esteve nas atividades, inclusive administrativas, no interior da Universidade.

Esta complexidade no cerne da Universidade, no que tange ao preconceito racial, de certo, reproduz o pensamento racista impregnado no imaginário social. Esta realidade, paulatinamente, está sendo modificada, através da resistência de uma pequena parcela desses professores. A presença, embora mínima do contingente negro no interior da Universidade, representa um certo avanço. Isto se dá, principalmente, porque, na Universidade, o/a professor/a se efetivar através de concurso público e, portanto, não tem como sofrer cortes em decorrência da cor da pele.

Os depoimentos dos/as professores/as negros/as nos mostram que é árdua a trajetória profissional deles numa sociedade comprovadamente racista. Por extensão, é igualmente difícil transitar num espaço acadêmico e profissional historicamente ocupado por não negros.

Os resultados deste trabalho demonstram que urge discutir a questão racial nos cursos de formação docente, ainda que saibamos os limites dessa dimensão. Os profissionais que formam professores, no mínimo, ter conhecimento acerca da diversidade racial para que possam discutir e problematizar as questões sobre a diversidade étnico-cultural na qual fomos construídos. É necessário também estimular estudos e pesquisas na área da educação que possam problematizar a questão racial proficuamente considerando a sociedade brasileira, onde o contingente negro é majoritário. Este é um dado do qual pesquisadores/as e docentes não podem isentar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAZZI, Chantal de Tourtier. O desenvolvimento da entrevista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 235 –243.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. H. e AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.184 -191

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1992.

FONSECA, S. G. **Ser professor no Brasil: história oral devida**. Campinas: Papyrus, 1997.

HASENBALG, Carlos. **A discriminação e desigualdade raciais no Brasil**. Trad. Patrick Beurglion. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Eincendi**. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

LIMA, Ludmila Moreira. **Sou o que sou porque sou diferente**: repensando o feminino e reavaliando o gênero. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993 (Dissertação de Mestrado).

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NÓVOA, Antônio. Histórias de vida: perspectivas metodológicas. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.